

## ENQUADRAR OS CIENTISTAS: os valores-notícia na construção da verdade pelo noticiário científico

MENDES, Miguel<sup>26</sup>

**RESUMO:** Este artigo retoma as considerações sobre a construção social da realidade e a construção da verdade, compara os diferentes enquadramentos que se dá a uma mesma notícia científica em três diferentes veículos e avalia a importância dos valores-notícia na construção da imagem da ciência, dos cientistas e das verdades científicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo científico. Construção da verdade. Valores-notícia.

**ABSTRACT:** This article revisits considerations about the social construction of reality and the construction of truth, compares the different frameworks used to tell the same scientific story in three different news vehicles and assesses the importance of news values in building the image of science, scientists and scientific truths.

**KEYWORDS:** Scientific journalism. Construction of truth. News values.

### 1. A verdade é uma construção

Ouve-se com frequência, em enquetes de opinião pública, conversas informais e até mesmo entre jornalistas, a queixa de que “os médicos uma hora dizem uma coisa, outra hora dizem o contrário. Ovo, antigamente, fazia mal; agora, faz bem”. O mesmo se diz a respeito de médicos e cientistas em geral: “hoje falam uma coisa, amanhã falam o contrário”.

Será que o discurso médico-científico é tão incoerente assim? Afinal, o discurso científico é considerado, em nossa cultura, como o mais objetivo e autenticamente verdadeiro. O senso comum diz que a verdade deve ser uma só.

---

<sup>26</sup> Miguel Mendes é profissional do mercado editorial e mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. migmendes@terra.com.br

No entanto, a verdade é uma construção que não pode ser entendida fora do contexto sociocultural.

A “arqueologia do saber” praticada por Michel FOUCAULT nos mostra como, num processo histórico, estabeleceu-se uma divisão entre discursos verdadeiros e falsos, em detrimento dos últimos (FOUCAULT, 1996). Realizou-se uma partilha e separação, desautorizando determinados discursos que não obedeciam aos critérios de objetividade e positividade.

No mito de Édipo, conforme dramatizado na peça *Édipo Rei*, de Sófocles, estaria, segundo o filósofo francês, representada a história da evolução do pensamento dos gregos clássicos no que concerne à percepção da verdade. A civilização clássica teria transitado por três fases. A primeira, uma reverência à palavra dos deuses (por meio dos oráculos) e à palavra dos videntes – dois tipos de discurso que *faziam* os fatos acontecer. A segunda, a aceitação como verdade do discurso da pessoa inquirida, desde que devidamente ritualizado ou juramentado. A terceira, a eleição do discurso empírico, da testemunha, do “ver com os próprios olhos”, como único discurso válido para as novas condições sociais e políticas. Esse último tipo seria um discurso democrático, que tanto pode estar na boca de nobres quanto de plebeus e que derruba tiranos tais como o próprio Édipo. Na forma como Foucault coloca, o legado grego assim se constituiu:

Primeiramente, a elaboração do que se poderia chamar formas racionais da prova e da demonstração: como produzir a verdade, em que condições, que formas observar, que regras aplicar. São elas, a Filosofia, os sistemas racionais, os sistemas científicos. Em segundo lugar e mantendo uma relação com as formas anteriores desenvolveu-se uma arte de persuadir, de convencer as pessoas da verdade do que se diz, de obter a vitória para a verdade ou, ainda, pela verdade. Tem-se aqui o problema da retórica grega. Em terceiro lugar há o desenvolvimento de um novo tipo de conhecimento: conhecimento por testemunho, por lembrança, por inquérito. Saber de inquérito que os historiadores, como Heródoto, pouco antes de Sófocles, os naturalistas, os botânicos, os geógrafos, os viajantes gregos vão desenvolver e Aristóteles vai totalizar e tornar enciclopédico. (FOUCAULT, 2005)

Segundo BERGER & LUCKMANN (2004), durante toda a história da nossa civilização, condições sociais e políticas têm modelado as relações entre pessoas e entre grupos, que estabelecem regras e institucionalizam estruturas, usando o discurso

para legitimar essas instituições artificiais como se fossem naturais; como se fossem o único mundo possível. A lógica das instituições é criada *a posteriori*, por meio do exercício da reflexão. A tentativa de dar sentido às instituições gera conhecimentos, expressos pela linguagem. Os conhecimentos – ou saberes – servem de critério para avaliar o que é verdadeiro e válido, afastando o desvio como se fosse uma coisa antinatural. Através de instituições como a escola e a imprensa, entre outras, esse discurso construído socialmente é transmitido para as novas gerações, que o interpretam como se fosse tradição ou mesmo mitologia.

Assim, os discursos têm de se enquadrar em limites para serem emitidos e, mais ainda, para serem publicados. Segundo FOUCAULT, um desses limites ou constrangimentos é o sistema interno das disciplinas, como a medicina ou as diversas ciências. As disciplinas são responsáveis por produzir saberes e verdades para a sociedade, mas cercam seu terreno de trabalho e controlam seus membros, ao ponto de rejeitar e até combater saberes igualmente verdadeiros segundo os padrões da sociedade, mas impertinentes à disciplina. Assim, a noção de *erro* é relativa:

No interior dos seus limites, cada disciplina reconhece proposições verdadeiras e falsas, mas repele para o outro lado das suas margens toda uma teratologia do saber. O exterior de uma ciência está mais e menos povoado do que julgamos: certamente que há a experiência imediata, os temas imaginários que trazem e reconduzem incessantemente crenças sem memória; mas talvez não haja erros em sentido estrito, porque o erro não pode surgir e ser avaliado senão no interior de uma prática definida; em contrapartida, há monstros que circulam e cuja forma muda com a história do saber. Numa palavra, uma proposição tem de passar por complexas e pesadas exigências para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina; antes de se poder dizê-la verdadeira ou falsa, ela deve estar, como diria Canguilhem, "no verdadeiro" (FOUCAULT, 1996).

Com esses princípios teóricos em mente, se a verdade é construída socialmente e se as ciências, graças ao método empírico, são consideradas, em nossa realidade sociocultural, as produtoras das verdades mais garantidas, coloca-se esta questão: *como o jornalismo participa da construção da verdade científica?*

Para trazer contribuições para essa pesquisa, nos apoiamos nas teorias construcionistas sobre a atividade jornalística, como foram expostas por TRAQUINA (2012) e nos conceitos de valores-notícia conforme foram enumerados por AGUIAR (2007). Na prática, vamos focalizar as seções de Ciências e Saúde de algumas

publicações da mídia impressa ou suas versões *on line*, comparando alguns de seus textos com os das correspondentes publicações científicas.

## 2. Comparação de enquadramentos

Nosso primeiro caso estudado é uma notícia sobre a ciência geológica. No dia 13 de março de 2014, a seção ciência de *O Globo* publicou matéria com este título: *Segredo no interior do planeta – Um oceano oculto – Diamante revela existência de um quintilhão de litros de água sob a superfície da Terra.*

O *lead* da matéria foi este:

Um diamante de 5 milímetros de comprimento pode revelar a existência de um oceano gigante sob a Terra – maior que a soma de todos os mares conhecidos. A pedra, encontrada no interior do Mato Grosso, chegou à superfície de um rio há 90 milhões de anos, pegando carona na subida de uma rocha vulcânica.

O texto de *O Globo*, por Renato Grandelle, é objetivo e interessante. A matéria é apoiada por infográficos e fotos. Uma pequena falta de acuidade foi detectada, mas não prejudica o entendimento da notícia. Porém, em relação ao conceito corrente do que seja verdade objetiva ou verdade científica, o texto tem, pelo menos, um problema.

Anuncia-se que há um “oceano” sob a superfície do planeta. Vamos analisar a alegação em relação aos dados da própria reportagem. A prova material da alegação é uma pequena porção de mineral transportada, por processos naturais, do manto terrestre para a superfície. Sobre esse mineral, chamado pelos cientistas de *ringwoodita*, diz-se que “cerca de 1,5% de seu peso é formado por água” e que os pesquisadores “acreditam que há uma imensidão destes minérios a milhares de quilômetros de profundidade”.

Mas, atenção: em que sentido uma camada do planeta, que é composta de 98,5% de minerais *que não sejam água*, pode se comparada com um oceano? Quando se cria a imagem verbal de “oceano”, incute-se na mente do leitor a imagem visual e simbólica de um oceano líquido, uma fonte de recursos hídricos. No mínimo, a ideia aproximada de um lençol de água subterrânea.

A ideia de oceano não é tratada como uma sugestão poética para ilustrar a descoberta científica. Ela é repetida no corpo da reportagem, como tradução perfeita da notícia científica: “Mas não há dúvidas de como o grande e oculto oceano pode influenciar a dinâmica do planeta”. Em outro trecho, o mineral é chamado pelo repórter de “diamante de água”.

As ideias que o repórter buscou para dotar sua história de interesse humano ou “interesse do público”, além da imagem de oceano, são:

a) A fascinação do “oculto” que se torna “revelado” graças à Ciência. Escolha do título “Segredo no interior do planeta”; uso repetido do adjetivo “oculto”; uso repetido da noção de que o diamante “revela” alguma coisa e “pode acabar com a polêmica”.

b) As dimensões gigantescas. O oceano é descrito como “gigante”; a contribuição do diamante para a Ciência é “incalculável”; informação de que “estariam guardados um quintilhão de litros de água”.

c) A orgulhosa ligação do fato com o Brasil. Como o diamante foi encontrado no Mato Grosso, o repórter tentou descobrir se algum brasileiro participou da análise da pedra.

Outro veículo abordou a matéria de maneira semelhante, mas com menos condescendência e mais conteúdo. Foi a reportagem da *Scientific American Brasil*, publicada *on line*. O título “Diamante confirma existência de oceano no manto terrestre” dá a entender o mesmo que a matéria de *O Globo*. Mas o restante do texto é mais acurado. O subtítulo “o diamante contém *ringwoodita*, mineral que sugere abundância de água no interior da Terra” é mais cuidadoso na afirmação, cuidado denotado pelo uso do verbo “sugerir”.

O *lead* dessa matéria é “Um desgastado diamante que sobreviveu a uma viagem pelo ‘inferno’ confirma uma teoria muito antiga: o manto terrestre tem água suficiente para encher um oceano”.

No corpo da reportagem, Becky Oskin detalha as provas geológicas reunidas na pesquisa da Universidade de Alberta, Canadá, e esclarece o leitor sobre o contexto da alegação feita pelos pesquisadores: “A *ringwoodita* é 1,5% água, presente não em

forma líquida, mas como íons hidróxido (moléculas de oxigênio e hidrogênio conectadas). Os resultados sugerem que poderia haver uma grande quantidade de água na zona de transição do manto, que vai de 410 a 660km de profundidade. ‘Isso se traduz em uma imensa quantidade de água, que se aproxima da massa presente em todos os oceanos do mundo’, contou Pearson à Live Science”. Assim, o leitor visualiza que o interior do planeta não tem um oceano de verdade, mas presença de moléculas formadoras de água num volume que equivale ao volume de todos os oceanos da superfície.

E qual o teor da matéria publicada pela própria revista científica que serviu de fonte para os jornalistas? A revista *Nature* publicou, *on line*, na edição de 12 de março de 2014, um resumo do artigo científico. O título “Zona de transição do manto hidrosa indicada por *ringwoodita* inserida em diamante” em nada sugere que há um oceano oculto e secreto sob a superfície da Terra. Mais adiante, nesse texto, é dito que “ainda que experimentos demonstrem a capacidade de essas camadas conterem água, sondagens geofísicas de condutividade elétrica forneceram resultados conflitantes”. Não é o que diz a matéria de *O Globo*, pois “segundo Pearson (cientista que encabeçou a pesquisa), a presença do líquido nesta região também coincide com estudos sobre condutividade elétrica realizados nos últimos anos por geofísicos”.

Temos aí, numa simples gradação, a mesma notícia reportada em três versões: a de grande imprensa, a de veículo setorial e a de veículo acadêmico. A matéria é menos acurada na grande imprensa, mais acurada na revista de divulgação científica e, até onde podemos checar, totalmente acurada na revista acadêmica. Por outro lado, ela é mais interessante para o público geral em *O Globo*, um pouco menos em *Scientific American* e nada atraente em *Nature*.

Por que processos uma notícia científica – que, por definição, em nossa cultura, é um exemplo de texto objetivamente verdadeiro – transforma-se num texto que induz o leitor a uma noção falsa?

Quando se trata de divulgação científica, temos que levar em conta, com muito peso, a influência das fontes sobre o resultado do trabalho do jornalista. Universidades em geral e grupos de cientistas em particular só podem progredir em suas pesquisas

quando obtém verbas. Sabe-se que o volume de verbas é inferior ao volume das demandas dos pesquisadores. Pela lógica do sistema, estabelece-se uma competição entre os grupos para garantir o máximo possível dessa verba. Não podemos subestimar a importância que a divulgação científica nos veículos de massa tem para determinar a relevância da pesquisa em questão e o merecimento dos cientistas envolvidos. Assim sendo, é prática corrente entre os cientistas levarem seus melhores resultados à imprensa local e mundial, e não esperarem pelo interesse dos jornalistas.

O exemplo do “oceano oculto” mostra que está em ação o processo teorizado por MOLOTCH & LESTER, de que os jornalistas necessitam de “acontecimentos” como objeto de seu trabalho. Na sociedade, grupos competem e até mesmo antagonizam no “campo jornalístico”, tentando fazer com que fatos de seu interesse tornem-se “acontecimentos” dignos de entrar em campo, ou seja, nas publicações da imprensa. Grupos lutam para determinar quais fatos merecem gerar notícia e, uma vez que são bem sucedidos, lutam para que esses fatos sejam enquadrados e apresentados à opinião pública da maneira que interessa ao grupo. TRAQUINA coloca a teoria desta maneira:

Assim, nas sociedades *mass-mediatizadas*, o campo jornalístico constitui um alvo prioritário da ação estratégica dos diversos agente sociais; em particular, dos profissionais do campo político. Um objetivo primordial da luta política consiste em fazer concordar as suas necessidades de acontecimentos com as dos profissionais do campo jornalístico (TRAQUINA, 2012).

Ainda segundo MOLOTCH & LESTER, o acesso ao campo jornalístico pode ser habitual (quando a fonte é poderosa no sentido de ser sempre considerada geradora de acontecimentos dignos de noticiar), direto (quando são os jornalistas que trazem a história para a redação) ou disruptivo. Neste último caso, os atores sociais pouco poderosos precisam agitar o ambiente, romper a rotina e gerar surpresa para perturbar a ordem habitual da produção de acontecimentos.

A maneira como essas fontes pouco poderosas, em busca de divulgação, tentam o acesso disruptivo, é apresentar suas histórias com alegações extraordinárias. No caso dos cientistas, suas melhores pesquisas ainda são pouco atraentes para o público geral, se o texto acadêmico tentar ser enquadrado em qualquer linha editorial da grande

imprensa. A solução para romper barreiras e encontrar espaço como “acontecimento” digno de nota é encontrar, dentro de todas as previsões, ilações e consequências derivadas da pesquisa científica, aquela que possa ser traduzida em “jornalês” como um título chamativo ou uma imagem fantástica. Colocado de certa maneira, a Ciência não pode ser divulgada como friamente é, mas apenas conforme a imagem que dela faz a opinião pública – imagem esta que tem sido construída junto com a mídia.

Quando os cientistas ou seus assessores de imprensa pinçaram de sua pesquisa as palavras “diamante”, “oceano” e “gigantesco” e as combinaram numa imagem sugestiva, ganharam atenção da imprensa. Também devem ter se lembrado de divulgar que foi “a primeira vez” que um fragmento de *redwoodita* era descoberto no solo e não em meteoritos.

Quem precisa divulgar alguma coisa pela imprensa leva em consideração que o jornalista segue intuitivamente um conjunto de regras definidas no desenvolvimento do seu campo profissional que norteiam a seleção e o enquadramento de notícias. Essas regras são conhecidas como valores-notícia ou critérios de noticiabilidade. Portanto, a fonte tenta oferecer à imprensa conceitos que apliquem valor-notícia ao conteúdo que se quer divulgar. Quando afirma que um fato científico foi observado pela primeira vez, atende-se a um critério de significatividade. O que acontece “pela primeira vez” costuma ter valor-notícia. Na forma como expressa AGUIAR:

A quarta variável – “significatividade” – relaciona-se com a importância do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação. A cobertura jornalística reservada aos primeiros episódios de um acontecimento que têm uma duração prolongada adquire uma importância muito maior do que os episódios intermediários (AGUIAR, 2007).

Isso explica porque as imagens verbais de valor, vastidão e ineditismo não constam no trabalho acadêmico mas estão em todas as matérias sobre o assunto. Diversos outros sites noticiosos internacionais escreveram manchetes com as palavras “secreto”, “oceano”, “oásis” e “vasto”. Um deles noticiou que “o interior da Terra é todo molhado”<sup>27</sup>. Um pequeno blog noticioso chegou a dizer que o livro de ficção científica

---

<sup>27</sup>Lista de manchetes de sites de ciência de vários países:  
<<http://www.nature.com/nature/journal/v507/n7491/nature13080/metrics/news>> .

*Viagem ao Centro da Terra* de Jules Verne não estava tão longe da realidade ao imaginar um mar e uma praia no interior do planeta.

Vamos continuar observando o noticiário para ver se existe uma tendência.

No dia 17 de março de 2014, *O Globo* publicou, na seção Ciência, este título: “Doença agendada – Genoma pelo pé – Sequenciamento de DNA em recém-nascidos divide opiniões e expõe conflitos éticos”.

O *lead* da matéria, por Frederico Goulart, foi:

Um artigo publicado ontem na revista científica “Science Translational Medicine” levantou uma questão que vai além da ciência. Ignorar completamente o inimigo de sua saúde até que ele apareça ou padecer anos tentando amenizar uma doença anunciada? A grosso modo, esta é a discussão entre pesquisadores que analisam se o sequenciamento do genoma humano, que pode apontar males genéticos, deve fazer parte da triagem neonatal – o tradicional teste do pezinho aplicado em recém-nascidos.

A partir daí o repórter relata a opinião de alguns médicos sobre o dilema ético que estaria estabelecido, agora que se poderia investigar doenças genéticas das crianças fazendo o “teste do pezinho”.

Procurando outras versões da mesma notícia, encontramos um comentário sobre a mesma pesquisa que originou a matéria jornalística<sup>28</sup>. O que o articulista diz é que esses novos métodos são indicados para gravidez de risco e que servem para diagnosticar doenças genéticas – principalmente anomalias cromossômicas – antes do parto, analisando sangue e líquido amniótico. Também entra no assunto de que a popularização desses novos exames encontrarão barreiras éticas e práticas, ou seja, seu custo.

O resumo do artigo científico original é este (tradução minha): “teste genético neonatal não-invasivo está se tornando disponível globalmente, mas desafios práticos e éticos devem ser vencidos”.

Não encontramos nenhuma correspondência entre o “teste do pezinho” ou triagem neonatal e o conteúdo do artigo da revista científica, que trata de testes

---

Acesso em: 11 abr. 2014

<sup>28</sup>Resenha no site SBWIRE, acesso em 10 mai. 2014 disponível em <<http://www.sbwire.com/press-releases/non-invasive-prenatal-testing-nipt-market-maternit21-plus-verifi-harmony-panorama-nifty-prenatest-and-bambnitest-global-industry-analysis-size-share-growth-trends-and-forecast-2013-2019-458795.htm>>

prenatais, ou seja, feitos enquanto o bebê está em gestação, na barriga da mãe. Tudo indica que o repórter confundiu os termos e criou a hipótese de que se fará, no futuro próximo, testes de genoma a partir do “teste do pezinho”. A partir daí, entrevistou médicos sobre o assunto e levou adiante a pauta sobre ética.

No entanto, a matéria pode dar a noção errada de que o teste do pezinho serve para sequenciamento do genoma de um indivíduo, o que é falso e provavelmente agitou algumas gestantes que leram a reportagem.

Vejamos outro caso. Na seção de Saúde, no dia 15 de abril de 2014, *O Globo* publicou matéria com o título “COM AÇÚCAR, COM AFETO – Estudo feito nos EUA demonstra que uma taxa muito baixa de glicose no sangue impulsiona a agressividade entre casais. Já um simples doce poderia prevenir uma briga doméstica.”

O *lead* da matéria foi:

A velha água com açúcar poder ser um bom remédio para acalmar os ânimos entre marido e mulher. Melhor que ela, só mesmo um brigadeiro. Numa pesquisa com duração de 21 dias, uma equipe liderada pelos departamentos de Comunicação e Psicologia da Universidade do Estado de Ohio, nos Estados Unidos, testou a relação entre as taxas de glicose e a agressividade dos casais. Os resultados sugerem que, quanto menor o nível de açúcar no sangue, mais impulsos agressivos têm os pares.

Ela foi ilustrada com uma grande foto de um doce brigadeiro com a legenda “*Delícia da paz. Brigadeiro, uma das possíveis receitas para a harmonia conjugal*”.

Num determinado trecho, o pesquisador Brad Bushman é entrevistado:

Pesquisador aconselha que “se casais têm algo a conversar, eles deveriam fazê-lo durante o jantar ou, ainda melhor, depois dele”. Ainda melhor seria depois da sobremesa. Os carboidratos, como pães e massas, são quebrados e se transformam em glicose no organismo. Outros alimentos com alto índice glicêmico são frutas como banana e uva, suco de laranja, arroz, milho e doces em geral.

A matéria se baseia na revista científica “*Proceedings of the National Academy of Sciences*” (PNAS). Então, fomos conferir o texto original.

Lá, a pesquisa aponta que o estado de fome, em que há baixo índice de glicose no sangue, diminui a capacidade de lutar contra a própria agressividade nas relações de casal. O estado de saciedade, portanto, seria ideal para manter a tranquilidade em casos de conflitos domésticos. Por outro lado, em nenhuma parte da pesquisa se diz

que comer guloseimas como nossos tradicionais brigadeiros previne brigas de casal. Pelo contrário, o hábito de comer doces com alto índice glicêmico já foi associado a problemas metabólicos, com rápida subida e rápida descida posterior do nível de glicose no sangue, criando um estado equivalente à fome.

Assim, associar o conteúdo da pesquisa à imagem do consumo de brigadeiros induz o leitor a uma interpretação equivocada da base científica do estudo.

Por outro lado, essa associação de ideias corresponde ao critério de interesse humano na reportagem. Em outras palavras, o leitor geral se interessaria em qualquer notícia científica que desse apoio à sua vontade de comer doces altamente calóricos.

Em defesa do veículo *O Globo*, conferimos que as manchetes de sites de notícias de outros países, em grande parte, também fizeram referência a doces e chocolates como meios de manter o “amor” ou “afeto” entre os casais, quando o estudo nunca analisou os sentimentos dos voluntários pesquisados, mas sim seu nível de controle.

Vamos, mais uma vez, comparar o tratamento de uma mesma notícia em alguns veículos. No dia 27 de março, *O Globo*, na seção Ciência, publicou este título: “Uma nova ‘joia’ encontrada no sistema solar – campanha liderada por brasileiro descobre o primeiro sistema de anéis em torno de um asteroide”. O *lead* escrito por César Baima foi:

Até recentemente vistos apenas em torno dos planetas gigantes Júpiter, Saturno, Urano e Netuno, os sistemas de anéis também podem adornar objetos muito menores, como asteroides. É o que mostrou uma campanha internacional de observação liderada pelo astrônomo brasileiro Felipe Braga Ribas, do Observatório Nacional, e principal autor de artigo sobre a descoberta, publicado na edição de hoje da revista “Nature”. A nova “joia” do Sistema Solar responde pelo nome de Chariklo, uma rocha espacial com cerca de 250 km de diâmetro identificada pela primeira vez em 1987. Chariklo é o maior representante conhecido de uma “família” de asteroides chamada de Centauros, que cruza o espaço entre as órbitas de Júpiter e Netuno.

Por sua vez, a revista *Ciência Hoje*, em versão *on line*, publicou uma matéria com o título “Chariklo, o centauro anelado” e o *lead*, por Henrique Kugler, foi:

Júpiter, Saturno, Urano e Netuno têm um charme em comum: eles são circundados por vistosos anéis. Até esta semana, cientistas acreditavam que, em nosso sistema solar, essa fascinante característica era exclusividade desses quatro planetas. Descoberta liderada por

astrônomos brasileiros, porém, revela uma nova história. Pela primeira vez, foi observado que no Sistema Solar existe outro corpo celeste a ostentar uma estrutura anelada em torno de si. É Chariklo— pequeno objeto da classe dos chamados centauros. Ele assemelha-se a um asteroide e orbita o Sol entre Saturno e Urano.

A revista científica *Nature*, onde a notícia foi originalmente publicada, apresentou o título “Sistema de anéis detectado em torno do centauro 10199 Chariklo” (tradução minha).

A redação da reportagem é essencialmente a mesma em *O Globo* e na revista *Ciência Hoje* (on line). As informações são precisas, a julgar pelo resumo do artigo científico em *Nature*. Nos três tratamentos – para público de massa, para público setorizado e para público profissional – a noção de que foi “a primeira vez” que o tal fenômeno foi observado se destaca. É um dos valores que levaram o fato a se tornar notícia, inclusive recebendo destaque na revista científica – o valor da significatividade.

Por outro lado, o valor de proximidade, uma das quatro variáveis dos critérios de importância da notícia, conforme AGUIAR (2007), está representado pelo fato de que um astrônomo brasileiro é o líder dos pesquisadores. O valor de, ao mesmo tempo, ser uma notícia de importância internacional e ter também um protagonista brasileiro é fundamental para a entrada na pauta e para o nível de profundidade da apuração em *O Globo* e em *Ciência Hoje*, mas é ignorado pela revista norte-americana *Nature* – por razões óbvias.

Aliás, na semana seguinte de publicação da notícia, a revista *Veja-Rio* publicou matéria de capa com o astrônomo brasileiro Felipe Braga-Ribas, não pelo fato de ele ser um carioca de destaque – pois ele é paranaense – mas por ele trabalhar no Observatório Nacional, no Rio de Janeiro. Segundo uma das chamadas da revista, ele “entra para o primeiro time da astronomia mundial”. Se, de um lado, a relação corresponde ao critério de seleção de notícias com base em proximidade e significatividade, por outro lado corresponde a um dos formatos preferidos para narrativas da cultura de massas, a do personagem fora-de-série. Sob esse ponto de vista, o jovem astrônomo brasileiro seria um herói, um exemplo a ser seguido. Afinal, apesar de astrônomo, levaria vida normal (segundo a reportagem, ele é casado e até

pratica esportes!). Além do mais, apesar de ser brasileiro, seria capaz o suficiente para liderar uma equipe internacional de pesquisa e obter um resultado de destaque.

## 1. Conclusão

Como outras instituições que colaboram na construção social da realidade, a imprensa também tem um papel na construção do que seja a Ciência e a prática científica, ao fazer escolhas sobre o que, dentro do conjunto de informações produzidos por uma nova descoberta, é divulgado e o que não é; escolhendo quais informações combinam com a imagem que a Ciência tem na cultura midiática e rejeitando as que não se encaixam. Por exemplo, reportando principalmente os detalhes que se encaixam na lógica de que a Ciência sempre avança, procurando a verdade nos lugares mais distantes, descobrindo coisas que nunca se soube antes, para o bem de todos e talvez, até, salvar a humanidade, graças ao sacrifício de um personagem chamado cientista, o qual quase nunca trabalha em nosso país, etc. Esse quadro corresponde ao processo teorizado por S. HALL, de identificação e contextualização, quando o jornalista se utiliza de “mapas” culturais que tem em comum com o público, para situar os elementos da notícia e torná-los inteligíveis.

O caso do noticiário científico denota o fenômeno de os acontecimentos gerarem notícias e as notícias criarem acontecimentos:

Assim, o jornalismo e os jornalistas podem influenciar não só sobre *o que pensar* mas também *como pensar* (...). A influência é maior sobre as pessoas que estão mais expostas ao jornalismo e procuram informação; a influência é maior sobre os assuntos sobre os quais as pessoas não têm experiência direta que podem mobilizar (TRAQUINA, 2012).

Como o público geral não tem experiência direta nem com o método científico nem com o texto acadêmico, o noticiário é muito influente em formar a ideia que a opinião pública tem sobre o que é Ciência e o que fazem os cientistas. Se essa imagem for positiva, fica mais fácil justificar as verbas públicas para os estudos. Mas, se for negativa, a opinião pode ser, no mínimo, controversa.

Todas as ressalvas que o artigo científico faz em relação às afirmações dos pesquisadores são retiradas quando o acontecimento é reportado na grande imprensa.

No caso do “oceano oculto”, se amanhã se publicar que está descartada a presença daquele volume todo de água no manto terrestre, o público possivelmente vai pensar “esses cientistas são loucos. Uma hora dizem uma coisa, outra hora, dizem o contrário”. No caso das brigas de casal, se amanhã se noticiar que cientistas afirmam que comer brigadeiros não mantém o afeto entre os parceiros, o público vai ficar decepcionado. Se, no futuro, observações mais detalhadas mostrarem que o asteroide Chariklo não apresenta anéis, o público pode achar que o astrônomo Felipe Braga-Ribas falhou pelo fato de ser brasileiro numa profissão em que brasileiros não costumam se destacar.

No entanto, para os próprios cientistas, sua prática não é exatamente assim como é pintada na imprensa e na indústria do entretenimento.

Marcelo GLEISER, astrofísico brasileiro e autor de livros de divulgação científica, propõe que o discurso científico não é feito de verdades e falsidades, mas de descrições cada vez mais aproximadas da realidade material. Mesmo as bases teóricas, que poderíamos dar por definitivas, são revisadas de vez em quando para se aproximar dos novos resultados empíricos:

Como jamais teremos um conhecimento completo da realidade física, sempre existirá um elemento de incerteza no nosso conhecimento da Natureza, além de onde podemos "enxergar". Vivemos envoltos numa escuridão perene. Não existe uma unificação final a ser obtida, apenas modelos que descrevem, de forma gradualmente mais precisa, o que podemos medir do mundo. Ao aprimorarmos os nossos instrumentos e, com eles, aprendermos mais sobre o mundo, aumentamos também a nossa ignorância: quanto mais longe enxergamos, mais existe para enxergar. (...) Mesmo que seja difícil de ser aceito, esta incerteza representa uma limitação fundamental do conhecimento humano. Apenas a nossa vaidade intelectual nos impede de aceitar esse fato e seguir adiante. O brilho da ciência, a sua mágica, não diminuirá se uma Teoria Final não existir (GLEISER, 2010).

Portanto, a maneira de se fazer Ciência aparenta ser feita de idas e vindas incoerentes, mas é uma construção coletiva, formada pela lenta solução do embate entre opiniões divergentes e não costuma pronunciar desmentidos e, sim, reajustes.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. *Os valores-notícia como efeitos de verdade na ordem do discurso jornalístico*, In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007

BAIMA, C. Uma nova “jóia” encontrada no sistema solar, *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 mar. 2014

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2004

BRAGA-RIBAS, F. et al. A ring system detected around the Centaur (10199) Chariklo, *Nature*, disponível em  
<<http://www.nature.com/nature/journal/v508/n7494/full/nature13155.html>> acesso em 10 mai. 2014

BUSHMAN, B. et al. Low glucose relates to greater aggression in married couples, *PNAS*, disponível em  
<<http://www.pnas.org/content/early/2014/04/09/1400619111.abstract>> acesso em 10 mai. 2014

CHANDRASEKHARAN, S. et al. Noninvasive Prenatal Testing Goes Global, *Science Translational Medicine*, disponível em  
<<http://stm.sciencemag.org/content/6/231/231fs15.abstract>> acesso em 10 mai. 2014

COM AÇÚCAR e com afeto, *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 abr. 2014

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*, Rio de Janeiro: Nau, 2005. p. 54-55  
\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996

GLEISER, M. *Criação Imperfeita*. Rio de Janeiro: Record, 2010

GOULART, F. Genoma pelo pé, *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 mar. 2014

GRANDELLE, R. Um oceano oculto, *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 mar. 2014

KUGLER, H. O centauro anelado, *Ciência Hoje*, disponível em  
<<http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/2014/03/chariklo-o-centauro-anelado>> acesso em 10 mai. 2014

NEVES, E. O senhor dos anéis, *Veja Rio*, 9 abr. 2014, p. 28 – 32

OSKIN, B. Diamante confirma existência de oceano no manto terrestre, *Scientific American Brasil*, disponível em: <[http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/diamante\\_raro\\_confirma\\_existencia\\_de\\_oceano\\_no\\_manto\\_terrestre.html](http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/diamante_raro_confirma_existencia_de_oceano_no_manto_terrestre.html)> Acesso em 11 abr. 2014

PEARSON, D. G. et al. Hydrous mantle transition zone indicated by ringwoodite included within diamond, *Nature*, disponível em <<http://www.nature.com/nature/journal/v507/n7491/full/nature13080.html>> Acesso em 10 mai. 2014

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo, v.1*, Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2012. p. 178, 188, 205